

BACHELARD, O PRAZER DA CHAMA E OS MITOS DO FOGO.

Marcelo de Carvalho¹

Resumo: Quando, no início dos anos 60, Bachelard volta a refletir sobre o fogo - desta vez, focalizando a chama da vela e certas personagens da mitologia ígnea - aquilo que na verdade o filósofo nos propõe são as grandes linhas de uma poética da intimidade, delineada ao aproximar-se da morte. Seguindo os lampejos da ambivalente consciência do devaneio literário, observamos o desdobrar-se do dinamismo antitético em suas polaridades e divergências, conduzindo a reflexão ao encontro do silêncio solitário e feliz. A luta antagônica entre contraditórios - como na chama, que de fato ilumina destruindo-se - cria uma ocasião de vislumbre da transcendência do ser. Naquele alhures representado pelos sonhos poéticos, a polaridade de luz e trevas torna-se ponte entre real e irreal, entre ser e não ser; sito no qual experimentamos os temas da filosofia do imaginário como aplicações concretas do dinamismo de penumbras e clarões que fixam o ritmo instável de nosso incerto devir. Em tal modo, a imagem poética faz-se vetor de novidades e, entre o estupor e a comossão do poema, perpetua a renovação da realidade. Por fim, no reflexo tênue da luz de uma vela a existência máxima à qual refere-se o poeta, conquista sua efetividade superando o campo do real e do humano.

Palavras chave: chama, fogo, mito, devaneio, linguagem, ambiguidade.

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Doutorando) (Bosista CAPES).

BACHELARD, O PRAZER DA CHAMA E OS MITOS DO FOGO.

Linguagem inflamada e literatura excessiva

A chama de uma vela, no tênue reflexo de uma luz íntima, ajuda o sonhador acordado a penetrar o mundo dos poetas, diz Bachelard. Configura-se ali, o espaço da solidão feliz. Além disto, ao queimar, a vela traz alimento verticalizante à alma, e reforço aos elementos de uma psicologia da intimidade, que tem na chama uma fonte de proliferação de imagens literárias. A chama é objeto de contemplação e renovação do devaneio noturno de um leitor que se deixa conduzir ao imaginário, mantendo-se porém presente, na ambivalente consciência de sua *rêverie*.

A reflexão diante da chama, tomada como doce instrumento de pesquisa da alma, aponta ao modelo de uma vida tranquila e delicada, digna do ser íntimo que floresce em nossas individualidades, na sedução das imagens literárias. Contudo, mesmo neste mundo calmo e pacífico, faz-se presente um estado de tensão; característica polêmica do dinamismo antitético bachelardiano - de polaridades e divergências - que guia o *pensamento andrógino* deste autor. Conseqüentemente, o destino da chama é verticalidade, queimar-se para cima, ao alto. E tornar-se luz.

Notamos que símbolos da reflexão do fogo referem-se sempre à luta antagônica entre contraditórios - combate nietzscheano de forças - neste caso específico, luta da luz com as trevas, pela conquista da iluminação, como valor que se instaura sobre o próprio contrário. Chama e consciência compartilham o mesmo destino metafórico e dicotômico de

retorno à própria residência, ao alto, após cumprir, embaixo, sua missão. Queimar injustiças para ascender às alturas.

A *rêverie* da vela - como simbolismo ético - sonha a chama como arquétipo do devir e do ser mesmo do *rêveur*. Para o sonhador a chama é, de fato, símbolo de seu “iluminar, destruindo-se”; outra versão do “morra e torne-se” (*Stirb und werde*) goetheano. *La flamme d'une chandelle* - de 1961 - institui portanto as linhas diretivas para uma reflexão sobre a transcendência do ser que considere o devaneio verticalizante da chama como vetor que arrasta o sujeito em suas forças ascendentes, expandindo os confins da realidade, ao guiar o sonhador à conquista dos cumes oníricos dos poemas.

Assim, a indução de uma ascese imaginária, eixo de forças que vige nos sonhos de voo - *rêves de vol* - alivia o ser, ajudando o psiquismo a abandonar o fundo - *bas fond* - do ser, dirigindo-se ao *albures* dos sonhos poéticos, que é representado por um *acima de*. O dinamismo que nos arrasta para cima, reerguendo-nos aos picos e cumes de montes imaginários, ilustra a configuração de *turbilhões íntimos*, no qual a polaridade de luz e trevas formam um instante sublime de metafísica ilustrada, no qual - aos olhos do filósofo - qualquer coisa que suba, leva consigo a dignidade do divino e do sagrado.

A chama bachelardiana, tensa, direcionada ao próprio além, joga uma ponte entre real e irreal, entre ser e não ser. Sua lição nos recorda o dever de reerguer-nos, o imperativo de reposicionar-nos de pé, após fracassos e perdas. A chama ilustra esta transcendência, informando a alma a propósito de um *albures* pessoal. Para o poeta Novalis, a filosofia da chama ensina a superação de si, já que, para renovar-se é necessário *filosofar-se*, consumindo-se.² No imaginário poético

2 BACHELARD, 1996, p.66: “Ainsi la philosophie commence là où le philoso-

do fogo o tema da *superação* - da realidade e de si mesmo - assume o valor de irremediabilidade perante a aproximação da morte.

A imagem da fênix parece preanunciar-se, através da necessidade declarada de *arder com o poeta*. Esta convicção, que Bachelard elabora no ano anterior ao de sua morte, acompanhará até o fim uma consciência disposta a investigar seu próprio término, valendo-se dos valores e significados atribuíveis às imagens literárias de certos mitos do fogo, como reflexos de motivações pessoais. Esta dinâmica transmite ao nosso filósofo coragem e atitude, para enfrentar o compromisso de tal pesquisa. Trata-se, a nosso ver, de um estado íntimo de aceitação profunda, derivada do devaneio de alegrias e tristezas, de alturas e precipícios; dimensões radicais, nas quais encontram-se metáforas do destino de cada individualidade.

Ter ousado buscar, encontrar e aceitar sua verdade interior - como a nosso ver fez Bachelard, alcançando, através de sua metafísica dos elementos, a admissão da ambivalência de sua alma – fortaleceu ainda mais a intensidade de sua criatividade, levando-o a experimentar, cada vez mais, o *claro-escuro* de seu próprio devir como aplicação concreta dos temas de sua filosofia do imaginário. O poeta sabe doar penumbra e clarões à realidade, afirma o autor, e expressando o real através do irreal, ele “vive (...) no claro-escuro de seu ser”.³

A intensidade das reflexões sobre o dinamismo imagético do poema conquista uma densidade de visões íntimas e pessoais, em polêmica com o sentido comum, adormentado

phant se philosophe lui-même, c'est à dire se consume et se renouvelle (...) un être se rend libre en se (...) donnant ainsi le destin d'une flamme ».

3 Ibid., p.80.

no torpor de seus próprios hábitos. Por isto, a poesia deve fazer-nos experimentar, pela palavra, *estupor e felicidade*. Cada uma de suas imagens deve ser convite ao leitor, para acolher e viver uma verdade diversa, uma *novidade* sobre si mesmo e sobre o mundo. Bachelard ama espelhar-se na imagem da solidão do trabalhador intelectual diante da página branca como deserto infinito a atravessar, no doloroso *nada* da escritura:

Diante da página branca (...) encontro-me, de fato, em minha mesa de existência. Sim, foi ali que conheci a *existência máxima*, existência tensa para um em frente, um mais alto, para um em cima (...) em toda minha volta, existe repouso e tranquilidade; meu ser só (...) que busca ser, é tenso na necessidade de ser um outro ser (...) um mais-que-ser.⁴

Afirmção pessoal do *surhomme* - do *übermensch* nietzscheano - que confirma o imaginário em seu aspecto cósmico de construção de novas realidades,⁵ prontas a acolher o novo ser. “Na tensão diante de um livro, com um desenvolvimento rigoroso, o espírito se constrói e se reconstrói”.⁶ Logo, para Bachelard, o momento tenso da escrita ou da *leitura em profundidade*, constitui o *attimo* no qual ocorrem transformações espirituais profundas: construir-se e reconstruir-se, dupla atividade na qual reside - segundo nosso autor - o sentido profundo do devir do pensamento.

Bachelard, no último livro que publicou, dedica um capítulo ao comentário de sua Obra literária: “Visada retrospectiva sobre a vida de trabalho, de um fazedor de

4 Ibid., p.111.

5 Tanto que, para Bachelard, o cogito da rêverie apresenta-se como : “je rêve le monde, donc le monde existe comme je le rêve”, Idem, 1993, p.136.

6 Idem, 1996, p.112.

livros”,⁷ renovando e reconfirmando a própria filosofia da linguagem poética. As noções presentes nestas páginas serão definitivas, devido à *traição da ulterioridade*, que chamamos morte. O autor desenvolve aqui sua doutrina da espontaneidade e da liberdade de linguagem, criadora de bem-estar psíquico, através da ação poética de libertação da alma envolvida na escritura ou leitura de poemas. A imagem poética e o poema, fenômenos psíquicos criados pela imaginação do poeta, são capazes de difundir impulsos como ondas, passíveis de alcançar o leitor e graças à comoção interior, de transformá-lo, dinamicamente, em criador; fenômeno que ocorre graças à capacidade de repercussão do imaginário - *retentissement* - que traduz o valor ontológico ou o ser mesmo da imagem.

Bachelard confessa ter descoberto, tardiamente - no estudo da linguagem literária - que imagens não são somente modos de expressão, mas, como afirma nas duas poéticas, cada nova imagem literária contém os germes de uma ontologia poética fundamental.⁸ Portanto, para viver os deslocamentos - *déplacements* - próprios da linguagem poética enquanto vetor de contínuas novidades, é necessário que o leitor desenvolva e cultive a *consciência caleidoscópica*⁹ que - no instante de abertura instaurado no poema - vive a dinamogenia intrínseca à proliferação imagética do devaneio.

A renovação da linguagem a cargo das novidades que surgem em cada imagem poética representa sempre o contato de duas almas, a relação entre dois seres - poeta e sonhador - instaurada sobre os valores poéticos da liberdade de linguagem, que envolvem a consciência de si, dos outros e do mundo na dinâmica autônoma e permanente da criação de devaneios. O aspecto evolutivo da filosofia da linguagem,

⁷ Ibid, pp.27-60.

⁸ Ibid., p.38.

⁹ Ibid., p.32.

manifestada pelo último Bachelard, nos põe diante da realidade de *imagens poeticamente excessivas*, de influxo surrealista, onde a liberdade de imaginação exonera o poema de elos com a realidade racional.

Na ambição de promover os valores poéticos do impulso vital e da superação do ser, a imagem consegue transmitir um *excesso de vida*. Eis aqui o aspecto inesperado da reflexão do último Bachelard. Pela exaltação psíquica da *imagem excessiva* e pela conseqüente metamorfose da palavra poética mesma, o autor sugere o dinamismo de uma dupla elevação do ser, que evolui segundo metamorfoses de uma superação, não só dos objetos mundanos, como também de sua própria experiência existencial.¹⁰

Na dialética permanente de abertura à transformação, chave de acesso à inteligibilidade do trajeto indicado pelo filósofo, o forte dinamismo da imaginação bachelardiana, segundo uma *poesia do excesso*, contribui à criação de uma *linguagem inflamada*, destinada a arrastar o psiquismo dos leitores em direção a sugestões de rejuvenescimento e imortalidade, de fato, características essenciais do fogo. Em tal modo, a convivência com motivos e personagens do surrealismo parece ter movido Bachelard à afirmação de um direito da linguagem ao *excesso poético*, promovendo então o envio de “bombas fenícias” - em forma de livros, artigos e conferências - contra o conformismo retórico de sua época.

Com seu *anti-lautreamontismo*, ele havia superado a revolta simples, harmonizando na rejeição da bestialidade instintiva, dois temas antagônicos, a saber, a urgência em resgatar - pela noção de *imaginação material* - a corporalidade e a materialidade excluídas da reflexão filosófica tradicional e,

10 Ibid., p.39.

por outro lado, a violência com a qual a matéria afirmava-se - como carne violada e dilacerada - em sua crítica à monstruosa criatura literária de Ducasse. O ímpeto da descoberta de uma matéria tão cruel e excessivamente sonhada, a ponto de apresentar-se esquarterada, atenua-se, num devaneio material mais sutil, apto a revalorização da matéria, em sua dignidade de objetos da reflexão filosófica, projeto que o autor realiza nos volumes de poética cósmica, sonhando a materialidade universal.

Além deste *refinamento* da imaginação da matéria, no processo tardio de destilação poética das imagens do fogo, Bachelard afirma ter alcançado a pureza. Suprema ação da poesia é, de fato, transformar um valor individual, existente unicamente na singularidade, em valor compartilhável com outras almas sensíveis. Funda-se assim a *ontologia da imaginação poética*, reafirmando-se como âmbito de acesso à experiência plural de valores fundamentais para a existência pessoal.

Fênix, Prometeu e Empédocles: o pensamento morre e renasce no fogo.

Vinte e seis anos após a morte de Bachelard - sua filha Suzanne organizou a publicação de um dossier de anotações, deixadas pelo pai, dando corpo assim - em *Fragments d'une Poétique du Feu* - ao último livro inacabado do filósofo. Segundo sua filha, desde 1959, Bachelard aspirava retomar o tema inaugural de seus estudos sobre os elementos, o fogo, cuja reflexão - em *La psychanalyse du feu* - fora realizada ainda em estado de espírito racionalizante, atraído sim pelo devaneio ao qual, no entanto, não sabia como ceder livremente. Sua *anima* poética ainda era refém de seu *animus* racionalista. Portanto, o filósofo guardara em si o desejo de completar sua Obra

de poética cósmica, entregando-se por fim ao devaneio do fogo. Os manuscritos póstumos sobre o argumento atestam que o devaneio da chama não fora senão o início do projeto de concluir sua reflexão entregando-se ao fogo.

O título de seu esboço inicial exprimia, além disso, interesse por um novo tema, *o fogo vivido*, com o qual visava enfrentar a interiorização do fogo, nas três figuras ícones do misticismo ígneo: Empédocles, modelo simbólico da supressão de si, Prometeu, como libertação da consciência através da desobediência, e a Fênix como renascimento perpétuo. O tema portanto, era o mesmo mencionado acima: *consumar-se para renascer transformado*. Viver tais imagens, no devaneio literário, tornava-se então, possibilidade e ocasião ideal para a tomada de consciência do fato de sermos, intensamente, fogo.

O anúncio desta interiorização simbólica do fogo já ressoava nas imagens literárias cultivadas em suas duas poéticas, do espaço e do devaneio. Será, entretanto, no aprofundamento teórico de seu primeiro elemento, que veremos abrir-se ao autor a oportunidade do itinerário que permitiria - ao ser mesmo - viver, intensamente, a dialética do psiquismo junguiano em sua polarização de *anima* e *animus*. Para Bachelard, a ambivalência polar entre os dois aspectos psíquicos representaria a mais profunda e intrínseca verdade constitutiva de nossa humanidade.

O aspecto *anima* - metáfora da virtude feminina - é afirmado enquanto participação imaginária à intensidade interior do fogo. O aspecto masculino *animus* é indicado na consideração das três figuras arquetípicas dominantes citadas, três seres de grande força. A imagem do fogo, englobando em si *animus* e *anima*, torna-se, na experiência poética de Bachelard, anúncio da necessidade de viver conscientemente

os dois polos de nosso ser ambíguo e andrógino, como emergirá na figura mítica da fênix - pássaro hermafrodita - protagonista da reconciliação entre os dois arquétipos junguianos.

Segundo sua filha Suzanne, Bachelard tinha modificado o título de seu projeto para *A poética do fogo*, renunciando assim a *O fogo vivido*. Com a consciência da dificuldade de reconstruir, *a posteriori*, a intenção do filósofo, acreditamos que esta substituição do título - assim como eventuais modificações - adicionadas por Suzanne - tenham sido acomodações normais ao desenvolvimento de um projeto literário póstumo que, de qualquer forma, manteve íntegro o núcleo fundamental da argumentação.

Considerando, em síntese, as três figuras dos fragmentos sobre o fogo, notamos que a primeira representa a extraordinária imagem da Fênix, ser literário que se inflama de seu próprio arder, para renascer das próprias cinzas. Enquanto ser poético, a Fênix nos introduz no reino literário das palavras inflamadas. É uma imagem do fogo que, como valor metafórico, representa a morte triunfante, na glória da fogueira. Para Bachelard, o desejo de arder e a consciência da própria morte encerram o sentido fenomenológico da Fênix¹¹ que, ademais assume também um valor de ressurreição e renascimento universais: “Deveremos tentar viver este duplo milagre da Fênix (...) como fenomenólogo, devo acreditar numa imagem inacreditável”.¹² Esta ave encantada representa, para o autor, o *pássaro do alburess*, símbolo de uma eternidade vivente. Ele glorifica a coragem de renovação da Fênix, enquanto signo cósmico de transformação e arquétipo da imaginação do fogo, no qual o *incêndio vivido* conduz à renovação do undo. Ela é fogo masculino e calor feminino, numa clara

11 Ibid., p.74.

12 Ibid., p.62.

menção ao hermafroditismo do imaginário, tema ao qual, segundo Suzanne Bachelard, o autor teria afirmado o desejo de dedicar um amplo tratado.¹³

A segunda figura desta arqueologia de mitos e lendas é o Prometeu literário, herói que rouba o fogo do céu para doá-lo aos homens. Ser de fronteira, híbrido de deus e homem. Protótipo da aquisição do conhecimento - através do duplo ideal de desobediência de pais e mestres, visando a evolução ao ser superior - Prometeu encarna a vontade de superação da natureza humana. A contribuição fornecida pela interpretação psicanalítica deste mito à formulação de uma poética da humanidade consiste em considerar que a natureza humana emerge desta luta contra os deuses, valorizada pelo rapto e doação do fogo como símbolo de luz, e em última análise, metáfora da consciência. Para Bachelard, tal leitura parece indicar um destino espiritual para a humanidade.

Neste ímpeto de mutação, a figura prometeica simboliza uma possibilidade de reconciliação metafísica entre deuses e homens. Exemplo de desobediência construtiva, os atos prometéicos assinalam um progresso na autonomia da ação humana de transformação da própria situação, já que o ladrão do fogo possui a consciência de sua própria audácia.

Bachelard encontra, assim, mais uma confirmação de sua *onnipresente* dialética dos opostos, enquanto o herói situa-se em uma relação de complementariedade com seu próprio irmão gêmeo, Epimeteu, representação metafórica da estupidez, contraposta, de fato, à astúcia da inteligência

13 Suzanne afirma que, pouco antes de morrer, preocupado por não ter podido completar seu escrito, o filósofo queimou os capítulos incompletos de *A Poética da Fênix*, deixando incólumes somente duas versões da introdução: *A poética do fogo* e *A Poética da Fênix*, com três capítulos sobre *Fênix*, *Prometeu* e *Empédocles*. Então recomendou-lhe, expressamente, que fossem incorporados na edição da obra completa.

prometéica.

A terceira e última figura do simbolismo ígneo desenha uma memória potente do filósofo Empédocles, que busca a morte, lançando-se na cratera do vulcão siciliano Etna. Imagem poética da anulação de si, do consagrar-se ao fogo. Empédocles é o anti Prometeu, filósofo do nada, símbolo da morte do mundo. Porém, segundo Bachelard, o filósofo pré-socrático do ser busca na morte a total purificação, na esperança de um renascimento análogo ao da Fênix, pois, visto que “tornamo-nos o que somos, (...) é preciso ser chama para jogar-se no Etna”.¹⁴

Empédocles realiza o ato extremo de um espírito consciente de sua absoluta solidão; persegue seu destino de herói e, tornando-se um ser de fogo, deixa-se consumir pelo paradoxal prazer da chama. “Todo homem tem, assim, sua fogueira secreta”.¹⁵ Conturbante verdade, intrínseca ao suicídio filosófico como metáfora de uma *natureza ardente* do ser. Ato extremo de uma paixão fatal. Enfim, o autor questiona-se sobre a hipótese que o fim da Obra seja também o fim da vida, pois, quem escreve sobre o fogo aguarda, inevitável, o mesmo destino de Empédocles.¹⁶

O silêncio do poeta

Tentamos compartilhar o prazer da leitura profunda à qual o autor nos convoca qual abertura ao silêncio da interioridade, à definitiva solidão da palavra que toma forma na reflexão tardia do filósofo poeta, para o qual “Através da superação da realidade a imaginação nos revela nossa

14 *ibid.*, p.155.

15 *Ibid.*, p.170.

16 *Ibid.*, p.163.

realidade”.¹⁷ Em tal modo, o gozo mítico da chama se extingue no silêncio, como indica a antiga epígrafe latina que recita: *silentium est aureum*, postulando, simultaneamente, a solidão como o acontecimento do silêncio que alcança em sua valorização poética a qualificação de destino da *réverie*.

O devaneio intenso de uma longa experiência literária encontra sua realização definitiva ao transformar-se em silenciosa solidão. O fervilhar dialético de imagens, origem das palavras da linguagem, torna-se enfim, declamação muda, justificando o relato de Suzanne sobre o desejo do poeta de dedicar um tratado ao tema do hermafroditismo, dualismo dicotômico guia de seu pensamento, mais uma vez certificado, agora pelo calar-se da eloquência imagética.

Em ambivalente polarização, é a fonte mesma da linguagem que, ao final, transmuta-se em silêncio. E assim, após tanto devaneio, a palavra faz-se silêncio, a *transsubjetividade* faz-se solidão:

Penetrar em nós mesmos é só o primeiro estágio desta meditação em forma de mergulho. (...) Descer em nós mesmos determina (...) uma outra meditação. (...) E, com frequência, pensamos descrever somente um mundo de imagens, quando, ao mesmo tempo, descemos em nosso próprio mistério.¹⁸

Concluindo, parece tornar-se plausível a hipótese de que toda a dinamogenia do imaginário poético servisse, em última análise, a revelar a intimidade do ser. Seguindo a lei bachelardiana da isomorfia de imagens da profundidade, no poema o *rêveur* conquista sua interioridade, usualmente velada na inacessibilidade:

17 Idem, 1948, p.353.

18 Ibid, p.260.

Sonhando a profundidade, sonhamos *nossa* profundidade. Sonhando a virtude secreta da substância, sonhamos nosso ser secreto. Mas os maiores segredos de nosso ser escondem-se de nós mesmos, lá onde estão, no segredo de nossas profundidades.¹⁹

Mesmo assim, sugerir a interioridade como meta poética em nada altera o dualismo polar segundo o qual se desdobra a Obra do filósofo, ao contrário, a perspectiva de um significado íntimo do poema serviria também a confirmar a noção de uma dinâmica de oposições como eixo de evolução da reflexão bachelardiana, pois, a bem ver, o sonhador de imagens poéticas penetra em si mesmo, somente para proceder adiante, para superar-se no prazer do poema.

Logo, o verdadeiro significado da investigação bachelardiana sobre o imaginário sugere o contato profundo consigo mesmo como requisito da superação para além da própria individualidade. Para o autor, a humanidade define-se pois, pela tendência mesma de superação da condição humana, tendência a criar-se uma nova vida, uma nova experiência: “Um homem é homem, na proporção em que é um sobre-homem (*sur-homme*)”.²⁰ Em cada obra encontramos o desejo essencial de Bachelard, de ver melhor, de compreender-se em modo mais amplo, tendência que se realiza na consideração da *rêverie* como manifestação da alma que consente a permanência da vertente feminina no psiquismo subjetivo, através do que ele mesmo chama de *filosofia do ser andrógino* ou *poética da androginia*, já que toda imagem do inconsciente deve ser considerada hermafrodita, enquanto polo de per-

¹⁹ Ibid, p.51.

²⁰ “L’imagination n’est pas (...) la faculté de former des images de la réalité; elle est la faculté de former des images qui dépassent la réalité, qui chantent la réalité » : Idem, 1942, p. 23.

tinência de qualidades contrastantes.

Portanto, assumir para si o valor do hermafroditismo da alma é a única alternativa verdadeira à inconciliável - e logo, dramática - dualidade que investe o destino da humanidade.²¹ A androginia representa, pois, uma meta pessoal interior, na qual os dois polos opostos da alma - masculino e feminino - unem-se numa cópula estática em êxtase absoluto. Bachelard, de fato, encontra em *Psicologia e alquimia* de Jung, as referências que buscava sobre a cosmicidade dos aspectos *anima* e *animus*, por intermédio do simbolismo alquímico do *matrimônio real*.²²

Muitos críticos, buscando solucionar o mistério das duas almas bachelardianas - ou, melhor dizendo, da tríplice alma do autor, que foi simultaneamente cientista, filósofo e poeta – assim como das dicotomias e ambiguidades presentes em sua Obra, não compreendem que sua conceitualização do imaginário poético deriva da inesgotável leitura, através da qual o autor alcançou, em si mesmo, a elaboração e aceitação de ambivalências insolúveis, irreduzíveis à simples e imediata univocidade.

No anti sistema de pensamento deste filósofo, as polaridades e contradições que constituem essencialmente

21 “O andrógino representa o nível do *ser não manifestado*, a fonte da manifestação, que numericamente, corresponde ao zero, o número mais dinâmico e enigmático, soma dos dois aspectos da unidade: $+1 -1=0$; fusão de positivo e negativo. O zero simboliza a androginia como início da numeração, da divisibilidade e da multiplicabilidade (...). O andrógino é uma conquista, um retorno da polaridade à unidade”. ZOLA, E., 1997, p.27.

22 Jung fala da conjunção das duas potências, masculina e feminina – através da comunhão de dois seres: rainha e rei, *anima e animus* do mundo – matrimônio mítico, destinado à geração da *criança cósmica*, que representa a criação do mundo. Quando a união alquímica das majestades reina no mesmo psiquismo, colocando duas cabeças coroadas em um só corpo, eis que se abrem perspectivas de exaltação da *androginia, como segredo do mundo*. JUNG, C.G., 1995.

o ser e o mundo não carecem de soluções, pois são as manifestações mais evidentes da estrutura incerta e paradoxal que compartilhamos com o universo. Devem, portanto, ser tomadas pelo que são: manifestações do hibridismo inexacto que nos coliga à realidade. O itinerário bachelardiano de conhecimento, que aponta sempre à busca por individualização, sugere enfim a ideia da morte como princípio, a saber, como a negação mesma da individualidade e da finitude. Resta-nos a tarefa infinita de construção e reconstrução, de modelagem de nós mesmos, aprendendo e ensinando a acolhida do dinamismo polar que parece constituir nossa realidade, o qual vemos representado nas infinitas variações simbólicas do binômio razão-imaginação, poema-teorema, fundado sobre a dicotomia de funções do real e do irreal, do conceito e da imagem.

A finalidade do poema bachelardiano é o despertar do ser. O autor tece teorias trançando real e irreal. Identifica a imaginação poética como fonte de novidades fundamentais: “(...) a imaginação é a faculdade de deformar imagens fornecidas pela percepção; sobretudo, ela é a faculdade de liberar-nos das imagens primárias, de mudar as imagens ».²³ Nesta tensão de superação - de sobre-humanidade - vemos a clara expressão da vontade de retomada de si - *redressement* - constantemente afirmada: de uma metamorfose como transformação do próprio destino, pela capacidade inventiva de sonhar novas alternativas, de narrar-se uma história diversa de si.²⁴

23 LESCURE, J., 1983, p.142.

24 HILLMAN, J., 1984, p.207: “Mesmo quando uma parte de mim sabe que a alma dirige-se à morte, na tragédia, uma outra vive, ao contrário, uma fantasia “picaresca” e, ainda, uma terceira, compromete-se, na heróica comédia da melhora de si (...) O modo no qual imaginamos nossa vida é também o modo no qual nos apressamos a vivê-la (...). Não é para descobrir quem sou que devo

Bachelard deseja curar o indivíduo da infelicidade, ajudando-o a conhecer-se, para reemergir à vida nova. A liberdade humana – através de perdas e derrotas – é descrita como evolução, como incessante poder de progredir: “O progresso, a progressividade, era para ele, a própria natureza do homem (...). Ele teria podido dizer: homem é aquilo que avança – ou, homem é aquilo que se supera». ²⁵ E para isto, ocorre uma poética. Bachelard descreve o estupor do despertar da nova condição humana - metafísica e dotada com o poder da metamorfose - conversão conjugada à redenção e à purificação. Ainda que o homem não ame descer à profundidade de si, no próprio “inferno íntimo”:

Para Bachelard éramos, efetivamente, nós mesmos, seja opondo-nos a nós mesmos, que cedendo-nos (...). Não é aquele que cede ou aquele que se opõe, que define o ser que ele é – é aquilo que cada um de nós se torna, após ter cedido ou ter-se oposto (...) Persuadido de que o homem não é a soma de um passado, mas que produz-se em sucessivas descobertas. ²⁶

Bachelard encontra felicidade e paz no moto oscilante e vibrante que pertence a cada eixo de polaridades. Sua *dialética binária da polaridade e da complementariedade* é uma dialética feliz, na qual as duas partes, em separado, aprendem - com a repercussão e vibração dos significados poéticos - a funcionar em harmonia.

narrar minhas histórias, mas sim porque tenho a necessidade de fundar-me sobre uma história, que possa sentir minha”.

25 « Ce qu’il admirait chez l’homme, c’est ce pouvoir d’être à la fois lui-même et un autre, lui-même et plus que lui-même – ce qu’il est et plus que ce qu’il est, toujours vacillant sur le bord d’un progrès, toujours prêt à franchir une étape nouvelle, à s’ouvrir à un monde nouveau »: LESCURE, J. Ibid, p.14.

26 Ibid, p.13.

Após tantas peregrinações ideais, o autor admite ter alcançado a felicidade, através do repouso nas imagens, cuja dimensão é, para ele, constituinte da humanidade, e dotada de tanta dignidade quanto a própria racionalidade. Bachelard realiza na metafísica imediata, a conquista da unicidade, como abertura permanente à transformação, através da capacidade do poema de exprimir, simultaneamente, seja uma visão do universo, seja um segredo da alma. A poesia é o princípio desta simultaneidade de contrários que caracteriza o humano como disponibilidade permanente à metamorfose. É razão e paixão, empenho e prazer. Até o mistério poético é, para o autor, uma androginia.

A poesia abandona o tempo horizontal, que liga o ser ao devir dos outros e do mundo, descobrindo o tempo vertical, no qual, a única referência é auto sincrônica: está no centro de si mesmo. No instante poético, o tempo não escorre mais. Ele *esguicha* ou *jorra*, de modo que - fora da duração comum - o ser pode viver, simultaneamente, no instante criado pela poesia, a oscilação dos contrários fundamentais como num *êxtase de queda*.

A aceitação da dicotomia clássica entre razão e imaginação, através de uma trajetória interior de conhecimento e aceitação das próprias ambiguidades, conduz à felicidade. Deste modo, o imaginário funda-se então, como lugar de unidade e pacificação. “Uma vida feliz, em forma de leitura, tal seria o segredo conquistado por Bachelard, ao fim de seu longo itinerário”.²⁷

27 GAGEY, J., 1969, p.137.

Referências Bibliográficas

BACHELARD, G. *La flamme d'une chandelle*. Paris: PUF, 1996

BACHELARD, G. *La poétique de la rêverie*. Paris: PUF, 1993.

BACHELARD, G. *La terre et les rêveries du repôs*. Paris: José Corti, 1948.

BACHELARD, G. *L'eau et les rêves*. Paris: José Corti, 1942.

ZOLA, E., *Androginia*. Madrid: edições do Prado, 1997.

JUNG, C.G., *Psicologia e alquimia*. Torino: Bollati Boringhieri, 1995.

LESCURE, J. *Un été avec Bachelard*. Paris: Luneau Ascot Éditeurs, 1983.

HILLMAN, J. *Storie che curano*. Milano: Raffaello Cortina, 1984.

GAGEY, J. *Gaston Bachelard ou la conversion a l'imaginaire*. Paris: Marcel Rivière, 1969.